Globethics Repository



Religião, gênero e dignidade humana [Religion, gender and human dignity]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	de Sousa Filho, Vicente Gregório;de Sousa Filho, Vicente Gregório
Publisher	Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-11 20:42:17
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/234735

Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Religião, gênero e dignidade humana*

Religion, gender and human dignity

*Vicente Gregório de Sousa Filho**
Doutorando em Teologia (EST)

Resumo
A pesquisa bibliográfica questiona o lugar das mulheres e dos homossexuais nas religiões monoteístas e acentua que estas expressões religiosas de caráter milenar foram engendradas em culturas patriarcais e androcêntricas. Ainda hoje o homem prevalece em seu patamar de destaque e o que se espera é que o espaço das Igrejas seja favorável à defesa da dignidade humana não apenas masculina e heterossexual. Ao apoiar-se no conceito de gênero como instância fomentadora do desnudamento das injustiças e das relações assimétricas de poder, chega-se a inferir o quanto as estruturais eclesiais precisam avançar no sentido de se tornarem mais inclusivas e tolerantes neste mundo plural e diverso, sem prescindir dos livros sagrados destas religiões, mas construindo hermenêuticas capazes de questionar e relativizar o que antes era sagrado a fim de demarcá-lo como um dado meramente cultural.

Palavras-chave
Monoteísmo. Gênero. Dignidade humana. Igrejas inclusivas.

Abstract
The bibliographic research questions the place of women and homosexuals in the monotheistic religions and emphasizes that these religious expressions of millenarian character were engendered in patriarchal cultures and androcentric. Even today, the man prevails on her porch and highlight and what is expected is that the space of Churches is favorable to the defense of human dignity, not just male and heterosexual. By supporting the concept of gender as a sponsor instance of injustice and denudation of asymmetric power relations, one arrives to infer how much the church needs structural move towards becoming more inclusive and tolerant in this plural and diverse world without dispense with the sacred books of these religions, but building hermeneutical able to question and relativize what was once sacred to demarcate it as a mere cultural statistic.

* O artigo é parte integrante da Tese em construção do mesmo autor, cujo título provisório é: Sexualidade e relações de gênero entre adolescentes da escola pública, sob orientação da Drª Gisela Streck, do PPG da Escola Superior de Teologia (EST). O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

* Licenciado em Filosofia (UECE), Bacharel, mestre e doutorando em Teologia (EST). Coordenador do Curso de Bacharelado em Teologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: vicente6@bol.com.br

Keywords
Monotheism. Gender. Human dignity. Inclusive churches.

Considerações Iniciais

A despeito das controvérsias oriundas da dialética de renomados autores no que concerne aos conceitos e à função da religião nas comunidades humanas, a busca pelo sagrado permanece como uma regularidade em todas as épocas e agrupamentos humanos; ora na dimensão imaterial e simbólica, como sistema de crenças e convicções, ora em seu aspecto material, palpável nas mais ricas expressões rituais e litúrgicas, configurando-se, portanto, como um arquétipo presente no inconsciente coletivo da humanidade, se quisermos utilizar-nos da terminologia Junguiana e assim, até mesmo os ateus podem reconhecer, à luz da razão, este postulado.

> Jung desenvolveu como poucos o entendimento psicológico dos mistérios do sagrado. Ao dizer que a divindade habita dentro do ser humano, está dizendo que existe um Outro dentro do sujeito que não é o ego, mas que o sustenta do berço ao túmulo em todo processo de individuação. Esse outro podemos entender como o Self, o Grande Eu, o Cristo, no caso da religião Cristã[1]

Feita esta alusão à universalidade da presença do sagrado e da religião no ser humano e no inconsciente coletivo, apresentamos a seguir o objetivo deste artigo que é o de articular as relações entre religião, gênero e dignidade humana, apontado para as implicações delas advindas. Destas considerações preliminares, segue-se a problemática: Até que ponto as religiões são, de fato, humanizantes e em que sentido também poderão contribuir para aprisionamento e aniquilamento do sujeito?

Conceituando religião

É necessário elucidar que o conceito de religião a partir de sua etimologia, *religare*, implica pelo menos três elementos constitutivos, quais sejam: crença em realidades sobrenaturais, a convicção de que nestes níveis superiores de existência repousa o sentido e a causa da própria vida, e por fim, a normatização das condutas individuais e coletivas com vistas à obtenção de benefícios e bênçãos no presente e no futuro *post-mortem*.

> No entanto, já na antiguidade tardia – e entre muitos autores modernos, como o contestado etimologista brasileiro Silveira Bueno – ganhou popularidade a tese, provavelmente romântica, que liga o vocábulo religião ao verbo *religare*, "religar, atar, apertar, ligar bem". A ideia de que caberia à religião *atar os laços* que unem a humanidade à esfera divina tem lá sua

[1] SERENISKI, Luciana. *O que diz Jung sobre religião*. Disponível em <http://psicologaflorianopolis.blogspot.com.br/2012/06/o-que-diz-jung-sobre-religiao.html# >Acesso em: 03 de junho. 2014.

> força poética, o que talvez explique o sucesso desta versão. Diga-se que em autores clássicos, porém, o verbo *religare* é estritamente prosaico, empregado com o sentido de prender os cabelos ou enfeixar a lenha[2].

A partir da citação anterior, torna-se evidente que nem sempre a religião deve se restringir à busca apenas da transcendência, sendo que sua etimologia pode dar margem a outro sentido, o que parece mais próximo de nossa realidade, o *relegere*. E mesmo quando se fala em transcendência não interessa aqui uma realidade abstrata de um ser perfeito e distante das limitações humanas. O que pode ser entendido enquanto transcendência[3] é a constante superação histórica de tudo que aprisiona as mulheres e homossexuais em sua luta por dignidade dentro e fora das igrejas. Segundo a mesma autora, existem momentos em que o mal e os obstáculos se agigantam sobre nós ao ponto de pensarmos que não poderemos transpor determinados óbices históricos que já se consolidaram na sociedade[4]. Aqui o que se postula é o rever, o ressignificar a própria vida, os acontecimentos históricos à luz da fé, da religião, das instituições e da própria teologia. Neste sentido, esta conceituação de religião parece estar mais próxima deste trabalho de análise crítica das relações entre gênero e religião a serem realizadas ulteriormente.

As religiões, desde as mais simples expressões rituais às mais complexas organizações hierárquicas, estruturam-se a partir de quatro princípios fundamentais, a saber: as narrativas que registram a história da comunidade religiosa; a explicação para a origem e o sentido do ser humano no cosmo; um conjunto de ritos que permite o acesso ao sobrenatural e a tradição, que representa uma síntese dos elementos anteriores, configurando-se como o estilo espiritual perpetuado na memória da comunidade pela repetição da linguagem, dos símbolos e dos ritos, sendo transmitida de geração a geração. Deste modo,

> A religião pode ser considerada como um comportamento instintivo, característico do homem, cujas manifestações são observadas através dos tempos em todas as diferentes culturas, a partir da busca da compreensão de si mesmo e do mundo e da consideração aos fatos inconsoláveis e desconhecidos[5].

As religiões monoteístas

Neste trabalho, centrar-nos-emos na análise das relações entre religião e gênero no contexto das religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. As religiões

---

2 RODRIGUES, Sérgio. *Religião vem de reler ou religar?* Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/religiao-vem-de-reler-ou-religar> Acesso em: 03 de junho. 2014

3 GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 39.

4 GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

5 JUNQUEIRA, Sérgio. Ensino religioso na perspectiva da escola: uma identidade pedagógica. *INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade* / v. 4 n.5 / p. 245-256 / 2009. p.251.

previamente citadas são conhecidas e catalogadas como as religiões reveladas, que, contrariamente às politeístas, se fundamentam na relação de fé do homem e da mulher em um Deus pessoal, único e amoroso que escolhe formas privilegiadas de se revelar, desnudar, mostrar sua face, dar-se a conhecer à humanidade. As religiões monoteístas se orientam por um livro sagrado: Antigo testamento, para os judeus, Bíblia Sagrada para os cristãos e Alcorão para os islâmicos ou muçulmanos. Muito embora haja algumas divergências hermenêuticas, praticamente as religiões monoteístas admitem uma só verdade, um só Deus e uma só moral. Deste modo, é possível inferir que

> A história das religiões monoteístas é também uma histórica de intolerância. Estas, na medida em que exige o predomínio de Um Deus Único e Onipotente, são inerentemente resistentes à existência de outras divindades. Não pode haver concorrentes[6].

Muito embora todas elas façam retóricas a respeito da caridade e da misericórdia, há sempre uma porção de intolerância em relação à alteridade quando esta está imersa no outro grupo religioso ou quando as categorias humanas não estão entre os que dominam o poder. Os gestos de fraternidade parecem ocorrer somente entre os pares. Por isso, haverá sempre contradições neste ponto.

As religiões reveladas não concebem o fenômeno religioso como uma invenção da criatividade imaginativa dos homens e das mulheres ou das suas relações com a natureza. O Deus verdadeiro escolhe pessoas particulares e a elas se revela, anunciando seus mandamentos[7]. No caso do Cristianismo e do Judaísmo este fato pode ser ratificado pela existência de diferentes hagiógrafos do livro sagrado. Citem-se as figuras de Abraão, Isaac, Moisés, que são mencionados em inúmeros registros literários das mais diferentes épocas. Indubitavelmente, é pacífico, nas religiões monoteístas e reveladas, que toda iniciativa vem de Deus que quer se fazer conhecido, restando ao homem e à mulher uma aceitação ativa e uma abertura de espírito a esta realidade. Muito embora, o ser humano busque a Deus, mas é de responsabilidade do transcendente encontrar as vias propícias e etapas distintas para chegar a ele.

O Deus único não permite idolatria, não aceita ser trocado por outros amores. De igual forma as religiões monoteístas são autoritárias e pregam uma verdade absoluta em seus dogmas, na sua moral e em sua estrutura hierárquica. No entanto, devemos atentar que a revelação dá-se com pessoas de carne e osso, com valores, crenças, costumes e num contexto vital e histórico-cultural. Deste modo, a revelação ocorre dentro de uma cultura determinada, que em um dado momento pode ter sido machista, intolerante com os homossexuais, excludente dos escravos, estrangeiros, prisioneiros, crianças, órfãos e

6 SILVA, Antonio Ozaí da. Monoteísmo e Intolerância Religiosa e Política. *Revista espaço acadêmico*-Nº 113-outubro de 2010.

7 DIAS, Geraldo J A Coelho. *As religiões da nossa vizinhança*: História, crença e espiritualidade. Porto: T Nunes-Ltda- Maia, 2006. p.421.

viúvas etc. Assim, se entende que a revelação não significa um ato onde um ser supremo se dirige diretamente aos seres humanos com vistas a comunicar sua vontade. Toda revelação se dá através de mediações humanas, históricas e culturais.

> A revelação se encontra na ordem do Sagrado, pois é Deus quem se revela e não um ídolo que pode ser manipulado e esgotado pelo conhecimento humano. Entretanto, uma realidade só pode se tornar significativa para o ser humano se for compreendida e percebida por ele. Essa percepção, no entanto, sempre acontece na finitude, na história, condicionada por uma linguagem[8].

Articulações entre religião e gênero

Pelo anteriormente exposto, passamos a um segundo momento deste artigo, que é a tentativa de relacionar religião e gênero. Praticamente todas as comunidades da história da humanidade viveram sob o jugo do macho como ser forte, monopolizador e ditatorial. Como raríssimas exceções podemos elencar as comunidade matrilineares[9] ágrafas indoeuropeias e a ilha de Creta, onde as mulheres influenciaram a sociedade, porém com os estereótipos machistas da força e do poder e ainda, em muitos casos eram representadas pelo varão nas grandes assembleias deliberativas das comunidades. Os estereótipos machistas passaram a ser aceitos como naturais e foram sendo petrificados como quase tudo sendo permitindo aos homens e quase nada às mulheres e aos homossexuais.

A noção de gênero que defendemos aponta para uma dimensão do relacional abandonado esta visão binária, sexista machista e patriarcal para postular uma visão dinâmica da masculinidade e da feminilidade para além do biológico e das articulações historicamente construídas pelas religiões e cristalizadas sob o véu de sagradas e divinas, quando na verdade representam a vontade de poder de homens que dominaram as instituições, o conhecimento e os espaços públicos. Assim, os estudos de gênero valorizam a realidade situacional e sócio-histórico-cultural em que vivem seus protagonistas, considerando ainda os múltiplos fatores que influenciam na formação ativa ou passiva da personalidade dos sujeitos. Nesta direção, podemos afirma que os estudos de gênero numa perspectiva relacional incluem a existência e a relação entre uma pluralidade de sujeitos: masculinos, femininos, homossexuais, bissexuais, transgêneros etc., evidenciando a desnaturalização dos processos que são socialmente construídos e a análise das relações de poder, visto que, os gêneros não estão sob a égide do biológico e da anatomia, pertencem ao imaginário, à psique, à espiritualidade, ao eros e são plasmados pelas circunstâncias sociais, o objeto de desejo e as escolhas individuais.

---

8 CABRAl,, Silvana Gomes Venancio. *Revelação e Existência*: Um estudo sobre o lugar do símbolo para o conhecimento de Deus no mundo contemporâneo. (Dissertação de mestrado). Programa de pós-graduação em Teologia da PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2011.p.55.

9 OLIVEIRA, Rosalira. Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. *Revista Ártemis*, Número 3, dezembro de 2005. p.5.

A dignidade teorizada e negada

Feitas as considerações sobre religião e gênero, resta-nos para o propósito deste trabalho, estabelecer as devidas articulações entre estas categorias e a dignidade humana. Seria ingênuo imaginar que a religião cuida exclusivamente das experiências místicas, das relações entre homem e Deus e a vida eterna. A religião, enquanto sistema hierarquicamente organizado, articula-se com a política, enquanto poder, com a ética porque normativa e controla os condutas humanas e sociais.

Os Direitos Humanos se fundamentam na noção de dignidade humana, entendida e defendida na acepção de Emanuel Kant[10] quando se pronuncia que toda pessoa tem seu valor em si mesma, toda pessoa é fim em si mesma, sem ser meio, ou seja, fonte de exploração para os outros.

> Esses direitos universais pretendem ser transculturais, mas possuem uma inevitável particularidade em seu conteúdo, majoritariamente estabelecido pela tradição ocidental. Quando se tenta estabelecer um mínimo universal de referência, a justiça, da qual ninguém pode se subtrair, é inevitável que entrem elementos valorativos daquilo que há de bom nos conteúdos de uma cultura concreta. Como é possível defender princípios éticos universais que, no entanto, surgiram numa cultura particular? Abstraindo-se das culturas particulares ou assumindo uma delas como eixo direcionador da universalização?[11]

Em qualquer situação não será fácil determinar o critério de justiça em cada cultura e possivelmente tal delimitação deveria estar atrelada aos níveis de sofrimento e violência física ou simbólica a que estão submetidas algumas categorias de gênero presentes na sociedade e que nem sempre conseguem viver de forma autônoma. No entanto, o que com evidência deveria ser respeitado depende da organização, da luta, e da pressão dos desfavorecidos para que se torne uma garantia efetiva. Em a *Microfísica do poder*, Michael Foucault defende que os pequenos grupos, as organizações coletivamente estruturadas poderão realizar grandes conquistas[12]. A estas alturas devemos nos perguntar se haverá lugar para os injustiçados nas comunidades religiosas monoteístas.

As religiões monoteístas são todas patriarcais: Deus é homem, seus líderes religiosos também são homens. O judaísmo não tem rabinas, o catolicismo não tem papisa, episcopisas, sacerdotisas e diaconisas; raras igrejas protestantes têm pastoras, episcopisas; os muçulmanos também excluem a mulher do comando religioso.

> As três religiões monoteístas dedicam nada menos que o papel de sub-humanas às mulheres. Em todas elas, são a "fonte" do pecado, da "tentação". Em todas elas, a personificação de deus é masculina. Em todas

10 KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos.* São Paulo: Martin Claret, 2004.
11 ESTRADA, Juan Antonio. Deus e as religiões. *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura* - Ano III, n. 19, 2009. p.25.
12 FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2007.

> elas, o papel do sacerdócio é, invariavelmente, masculino: padres, rabinos e mulahs. Em todas elas, a maioria das restrições fisicas, de hábitos e costumes incide sobre as mulheres[13].

Faz-se mister enfatizar que a religião sintetiza as regularidades, as características presentes nos sistemas sociais. Dado o seu caráter sagrado e dogmático, a religião reproduz e retrata as relações de poder, a moral e os princípios axiológicos de uma sociedade. Tomadas para análise as religiões monoteístas, passaremos doravante a refletir sobre o lugar da mulher e dos homossexuais nestas religiões. Anteriormente apontamos para a conceituação de gênero numa perspectiva relacional e não-sexista, o que implica respeito e oportunidade para as diferenças de gênero, entendendo que os diferentes se completam e se enriquecem mutuamente. Todavia os estudos de gêneros são recentes e não pretendemos minimizar o valor das expressões culturais e religiosas. No mínimo seria uma visão hodierna para julgar os primórdios das religiões monoteístas.

Grosso modo, podemos afirmar que no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo, o homem exerce um domínio sobre a mulher: no templo, nas catedrais e nas sinagogas as mulheres assumem tímido lugar de destaque nas liturgias. Todavia, o movimento feminista e as teologias feministas influenciam a sociedade e as denominações religiosas, pois, hoje, por exemplo, já encontramos igrejas protestantes que ordenam mulheres pastoras e a Igreja Anglicana que tem ordenado inclusive episcopisas. No seio da igreja católica, há um movimento forte que reclama a ordenação sacerdotal de mulheres, embora os setores mais tradicionais argumentem que Jesus Cristo ao instituir a Eucaristia e, portanto, o sacramento da ordem, não realizou a última ceia com a presença de mulheres e somente dos apóstolos. Apesar, disto, há inúmeras teólogas que realizam estudos hermenêuticos e exegéticos da bíblia numa perspectiva fenomenológico-feminista, afirmando que Deus é pai e é mãe. A propósito, na igreja católica, a figura de um 'Deus masculino' é balanceada constantemente pela presença da Virgem Maria que representa simbolicamente a dimensão serena, dócil e materna de Deus, talvez para camuflar historicamente a invisibilidade da mulher nos processos deliberativos e de comando da mesma Igreja.

Por fim, chegamos aos homossexuais. É interessante notar que embora proibidos, rechaçados, os homossexuais estão presentes em todas as religiões e em todas as épocas. As passagens bíblicas do judaísmo e do cristianismo são rígidas para com eles. São frutos de uma época, de uma cosmovisão patriarcalista e como tal devem ser interpretadas. Também no islamismo não é diferente e seguramente, os mulçumanos são os mais implacáveis para com os homossexuais chegando a imputar-lhes pena de morte, quando surpreendidos em relações sexuais, em alguns países do oriente.

---

[13] NASSIF, Luis. *As religiões monoteístas e o trato dado às mulheres*. Disponível em <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/as-religioes-monoteistas-e-o-trato-dado-as-mulheres > Acesso em 04 junho. 2014.

Na percepção de Sondy[14] a homossexualidade pode ser conciliável com o islã desde que a pessoa viva com dignidade e construa uma boa sociedade. No entanto, segundo ele, os mulçumanos ainda são profundamente homofóbicos e "Falar de homossexualidade no islamismo é um assunto que ainda causa polêmica e nos mostra um tabu a ser derrubado. Em alguns países como o Irã, por exemplo, a homossexualidade é crime e pode levar uma pessoa a morte." Postulamos veementemente que a religião pode e deve ser fonte de realização, de plenitude, de integração da pessoa humana consigo mesma, com os semelhantes, com a natureza e com Deus. Porém, historicamente a religião já trouxe guerras, desequilíbrios psicológicos, alienação social e tem negado o direito ao prazer a muitas pessoas com atestam Karl Max, Sigmund Freud e Nietzsche, entre outros. As religiões falam de justiça. É justo alguém converter-se a uma igreja ou nela permanecer e negar a sua identidade sexual, chegando a casar-se e continuar mantendo relações sexuais clandestinas para satisfazer um perfil religioso e social? É justo patologizar um homossexual impondo-lhe a cura pela religião?

Surgimento das igrejas inclusivas

Se no seio das igrejas tradicionais não há o devido espaço para os homossexuais viverem sua fé, passam a aparecer aos poucos comunidades evangélicas gays, onde os membros e inclusive os pastores possam viver sua orientação sexual sem culpa, medo ou ocultamento.

> Por mais que pareça estranho, muitos cristãos ignoram o fato de que há um rebanho formado por homossexuais que congrega, nas igrejas, anônimos, sem poder assumir quem são, levando vidas que Henry David Thoreau definiu como de "silencioso desespero". São pessoas comuns, cristãos sinceros que nutrem o desejo de servir ao mesmo Senhor adorado pela maioria heterossexual. São homens e mulheres que foram aceitos pelo amor incondicional de um Deus que, segundo a *Bíblia*, não faz distinção entre as pessoas, mas que descobriram, na prática, igrejas que a fazem[15].

Estima-se que atualmente no Brasil haja mais de 30 comunidades evangélicas gays e que tiveram seu início a partir da história do Pastor Troy Perry, ordenado pela Igreja Batista em Los Angeles, Estados Unidos, aos 15 anos e onde permaneceu casado e pai de dois filhos durante um bom tempo. Após divorciar-se e assumir-se como gay, afasta-se dos trabalhos pastorais e entra em crise existencial, chegando quase ao suicídio. No entanto, retoma seus trabalhos como pregador, dizendo ter recebido de Deus um chamado

14 SONDY, Amanullah De. *Acadêmico muçulmano diz que homossexualidade não é incompatível com o Islã*. Disponível em: < http://todosdejesus.fr.gd/Acad%EAmico-mu%E7ulmano-diz-que-homossexualidade-n%E3o--e2--incompat%EDvel-com-o-Isl%E3.htm> Acesso em: 10 de junho. 2014.

15 CÉSAR, Marília de Camargo. *É possível ser gay e ser cristão*? Disponível em < http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/10/e-possivel-ser-bgay-e-cristaob.html> Acesso em 06 de junho. 2014.

especial para exercer sua poimênica especialmente entre as pessoas discriminadas pela orientação sexual e assim surge em 1968 a Metropolian community churches (MCC)[16].

Na pesquisa de Jesus[17] ficou evidenciado que as igrejas inclusivas foram aparecendo no Brasil a partir da década de 1990 e além do ramo oriundo dos Estados Unidos, aqui representada pela Igreja da comunidade metropolitana, cuja primeira igreja veio aparecer no Brasil no ano de 2002, constam igrejas inclusivas que apareceram desde 1992, inspiradas na Igreja Presbiteriana Bethesda, do Pastor Nehemias Marien, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Existem também outros ramos inspirados no Grupo de estudos de gênero da Escola superior de Teologia, de São Leopoldo-RS, cuja presença do Dr. André Musskopf, vem estimulando reflexões sobre a inclusão de gays no ministério ordenado[18] e um dos grandes expoentes da teologia Queer no Brasil. No âmbito católico destacam-se as influências de intelectuais ligados á PUC do Rio e do grupo Diversidade católica.

Se acessarmos o site dessas denominações ligadas a essa temática, veremos rapidamente que as mesmas se autodefinem como igrejas inclusivas e não apenas como igrejas gays. Para muitos, tais denominações emergem como uma alternativa profícua aos que não se sentem à vontade nas Igrejas tradicionais. Todavia, devemos nos questionar: é justo abandonar sua crença originária, seus rituais, sua forma de orar e liturgias para aderir a uma nova denominação? Por que as igrejas tradicionais não são capazes de ser inclusivas também?

Considerações finais

Hodiernamente vivemos num mundo globalizado, planetário, conectado pelas tecnologias da informação e facilmente somos influenciados pelos acontecimentos dos outros países. Não deve haver lugar para a exclusão, o machismo, a exploração, a intolerância e a discriminação religiosa e dos gêneros. As gerações mais jovens, em especial, não aceitam o autoritarismo. O movimento feminista já se organizou e os homossexuais reúnem milhões de pessoas nas suas paradas. Há greves por todos os lados. Apesar de uma aparente indignação da sociedade para a discriminação e a exclusão, ainda são supervalorizados o homem branco e heterossexual, o rico, o belo, negando oportunidades e diretos às mulheres e aos homossexuais, negros, indígenas e camponeses. Inferimos que o projeto de civilização patriarcal e machista não contempla estas categorias.

16 WOLFE, Khati. *A vida do Revdo Troy Perry*. Disponível em < http://icmsp.blogspot.com.br/2006/05/vida-do-revdo-troy-perry.html >Acesso em: 06 de junho. 2014.

17 JESUS, Fátima Weiss de. Igrejas inclusivas em perspectiva comparada: da "inclusão radical" ao "mover apostólico". *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos*). Florianópolis, 2013. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384797997_ARQUIVO_FatimaWeissdeJesus.pdf> Acesso em: 10 de junho. 2014. p.2-4.

18 MUSSKOPF, André Sidney. *Talar Rosa:* homossexuais e o ministério na Igreja. São Leopoldo: Oikos, 2005.

Para muitos, a mulher ainda deve ficar encarcerada no lar cuidando dos afazeres domésticos e das crianças; os homossexuais no anonimato; os negros são bodes expiatórios para os crimes e trabalhos forçados; os indígenas devem ficar longe da civilização em suas aldeias; os camponeses apenas devem produzir e repassar quase gratuitamente à cidade o resultado de seus trabalhos.

As igrejas tradicionais temem os homossexuais porque eles estão se organizando em grupos, em ongs, em passeatas e estão reclamando seus direitos. As igrejas se sentem ameaçadas porque eles destroem um modelo de família nuclear, que embora em crise ainda é o dominante. As igrejas não devem ficar amedrontadas com os homossexuais. Se as igrejas acreditam no modelo de família nuclear, devem continuar insistindo, e talvez até mesmo pregando como uma voz que clama no deserto: é possível reinventar a família, pois é nela que encontramos carinho, equilíbrio e proteção.[19] É no seio da família que as mulheres e os homossexuais existentes deverão ser amados, amparados nas suas peculiaridades para o desenvolvimento de suas potencialidades, pois a essência das religiões não deveria ser o amor?

Referências

CABRAl,, Silvana Gomes Venancio. *Revelação e Existência*: Um estudo sobre o lugar do símbolo para o conhecimento de Deus no mundo contemporâneo. (Dissertação de mestrado). Programa de pós-graduação em Teologia da PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2011.

CÉSAR, Marília de Camargo. *É possível ser gay e ser cristão*? Disponível em < http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/10/e-possivel-ser-bgay-e-cristaob.html> Acesso em 06 de junho. 2014.

DIAS, Geraldo J A Coelho. *As religiões da nossa vizinhança*: História, crença e espiritualidade. Porto: T Nunes-Ltda- Maia, 2006.

ESTRADA, Juan Antonio. Deus e as religiões. *Ciberteologia* - Revista de Teologia & Cultura - Ano III, n. 19, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2007.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

JESUS, Fátima Weiss de. Igrejas inclusivas em perspectiva comparada: da "inclusão radical" ao "mover apostólico". *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos*). Florianópolis, 2013. Disponível em

[19] ROUDINESCO, E. *A Família em desordem*. RJ: Zahar, 2003.

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384797997_ARQUIVO_FatimaWeissdeJesus.pdf> Acesso em: 10 de junho. 2014.

JUNQUEIRA, Sérgio. Ensino religioso na perspectiva da escola: uma identidade pedagógica. *INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade* / v. 4 n.5 / p. 245-256 / 2009.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos.* São Paulo: Martin Claret, 2004.

MUSSKOPF, André Sidney. *Talar Rosa:* homossexuais e o ministério na Igreja. São Leopoldo: Oikos, 2005.

NASSIF, Luis. *As religiões monoteístas e o trato dado às mulheres*. Disponível em <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/as-religioes-monoteistas-e-o-trato-dado-as-mulheres > Acesso em 04 junho. 2014.

OLIVEIRA, Rosalira. Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. *Revista Ártemis*, Número 3, dezembro de 2005.

RODRIGUES, Sérgio. *Religião vem de reler ou religar?* Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/religiao-vem-de-reler-ou-religar> Acesso em: 03 de junho. 2014.

ROUDINESCO, E. *A Família em desordem*. RJ: Zahar, 2003.

SERENISKI, Luciana. *O que diz Jung sobre religião*. Disponível em <http://psicologaflorianopolis.blogspot.com.br/2012/06/o-que-diz-jung-sobre-religiao.html# >Acesso em: 03 de junho. 2014.

SILVA, Antonio Ozaí da. Monoteísmo e Intolerância Religiosa e Política. *Revista espaço acadêmico*-Nº 113-outubro de 2010.

SONDY, Amanullah De. *Acadêmico muçulmano diz que homossexualidade não é incompatível com o Islã*. Disponível em: < http://todosdejesus.fr.gd/Acad%EAmico-mu%E7ulmano-diz-que-homossexualidade-n%E3o--e2--incompat%EDvel-com-o-Isl%E3.htm> Acesso em: 10 de junho. 2014.

WOLFE, Khati. *A vida do Revdo Troy Perry*. Disponível em <http://icmsp.blogspot.com.br/2006/05/vida-do-revdo-troy-perry.html>Acesso em: 06 de junho. 2014.

[Recebido em: agosto de 2014
Aceito em: outubro de 2014]